
Recebido em 13/5/2016 e aprovado em 20/12/2016

Resenha: ANDRÉ, Richard Gonçalves. *O Paraíso entre luzes e sombras: representações de natureza em fontes fotográficas* (Londrina, 1934-1944). Londrina: EDUEL, 2014, 202 páginas.

Barthon Favatto Jr.¹

Certa deixa, o historiador francês Alain Croix escreveu que “mais do que qualquer outro, o historiador da cultura associa o seu trabalho à sua vida, os aspectos por vezes essenciais da sua história e da sua sensibilidade”. Nada mais verdadeiro quando tomamos em mãos e imergimos deliciosamente nas envolventes páginas de “O Paraíso entre luzes e sombras: representações de natureza em fontes historiográficas”, livro de autoria do historiador Richard Gonçalves André. Que, já nas primeiras páginas, em tom um tanto quanto desafiador, adverte-nos: “Nasci e cresci em meio às representações que busquei desconstruir neste livro”.

Lançado em 2014 pela Editora da Universidade Estadual de Londrina (EDUEL) e abrigando duzentas e duas páginas, carinhosamente abraçadas por uma capa de trabalho gráfico impecável, o livro de André é fruto não somente de uma pesquisa de longo fôlego, que rendeu a seu autor o título de Mestre em História pela UNESP, campus de Assis, mas, sobretudo, é resultado de um labor minucioso que buscou desconstruir representações ainda hoje arraigadas nas sociedades do Norte do Paraná. Especialmente, a do imaginário do pioneiro: homens e mulheres que, na primeira metade do século XX, advindos de diversas regiões do Brasil e do Mundo (italianos, japoneses, alemães, poloneses, etc.) cruzaram sertões, quando não

¹ Doutorando em História pela UNESP/Campus de Assis e Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Membro do Laboratório de Estudos dos Domínios da Imagem (LEDI). Autor, entre outros, do livro *Entre o Doce e o Amargo: memórias de exilados cubanos* (Alameda, 2015).

oceanos inteiros, a fim de desbravarem terras roxas – as famosas terras “vermeias” em que “se plantando tudo dá” – de um Paraná ainda edênico, “inabitado”; última fronteira da civilização brasileira; para ali edificarem entre densas, verdes e virgens matas, entre uma choça de palmito e um pé de café – o Ouro Verde – cidades pungentes, tais como Londrina e Maringá.

Doutor em História também pela UNESP/Assis e, atualmente, professor adjunto do curso de História da Universidade Estadual de Londrina, André é “pé vermeio” de nascimento e cresceu sob a mira implacável da força do imaginário social que já adulto almejou desconstruir. Durante a infância, seja no ambiente escolar ou em visitas a museus, o autor conviveu “com tais elementos presentes na memória londrinense”. Elementos esses que, por quase um século, jogaram a escanteio – portanto, à margem da memória social regional – o protagonismo de negros e indígenas na constituição de um passado. Que lançaram à mercê de um suposto esquecimento a violência inerente ao processo histórico, bem como os conflitos sociais instaurados nas comunidades locais. Enquanto isso, em sentido oposto, tais signos e suas significações trouxeram para o primeiro plano discursivo a glorificação das aventuras rudes dos homens que, embriagados pelo ideário do *self mademan* e munidos pelo conhecimento técnico no manejo das maravilhas mecânicas modernas, finalmente, foram capazes de vencer natureza até então indomável.

O livro de André se apresenta ainda mais envolvente e enriquecedor por descortinar essa complexa trama histórica para além da simples esfera da inventariação e análise dos discursos impressos em jornais ou documentos oficiais. Ou então, daqueles emanados de discursos públicos ou memórias familiares. Artefatos já exaustivamente desbastados pelos historiadores locais. O autor vai mais fundo. Toma não somente como fonte, mas por objeto de pesquisa, a matéria física

primordial de constituição e capilaridade do imaginário social: a imagem. No caso, fotografias. E, em especial, as belíssimas fotografias produzidas ao longo de uma década (1934-1944) por José Juliani, que no período trabalhou como fotógrafo contratado pela Companhia de Terras do Norte do Paraná (CNTP) – empresa de capital britânico responsável pelo loteamento e povoamento “branco” (e, porque não, também amarelo) do chamado Norte Pioneiro.

Filho de imigrantes italianos alocados em Jaú, interior de São Paulo, José Juliani trasladou-se para Londrina ainda na década de 1930, onde passou a fotografar pela CTNP. Munido com sua maravilha mecânica e dono de um estilo de fotografar que lhe foi característico, notabilizou-se pela composição de imagens que endossavam a narrativa desenhada e propagandeada pela companhia para qual oficialmente trabalhava. Caracterizada pela contemplação de uma natureza edênica que com a chegada da civilização cedia espaço à modernidade. E que, anos mais tarde, tornar-se-ia um terreno fértil – entre registros visuais de monumentais perobas e de colossal locomotiva cruzando o Rio Tibagi – para a apropriação e validação dos discursos referentes ao imagináriopioneirista. Legado de geração em geração dentro do seio das famílias mais tradicionais daquele rincão de moderno Brasil.

A fim de descortinar com o merecido criticismo histórico os usos e as apropriações discursivas dessas ferramentas sociais, as imagens, o livro de André está dividido em quatro capítulos, além de prefácio assinado pelo Prof. Dr. Gilmar Arruda (UEL). O primeiro deles, intitulado “Fios de um tecido: o paraíso terreal e a natureza produtiva”, introduz e promove o enquadramento (jargão fotográfico) do leitor num debate crucial ao entendimento da obra: o das representações edênicas, traduzidas pelas “visões acerca do mundo natural” edificadas desde que os primeiros ibéricos pisaram na *Terra Brasilis*. A ideia do paraíso terreal livre

da corrupção e dos vícios do Velho Mundo sempre articulou como campo fértil a representações e interpretações de inúmeras ordens, perpassando a História do Brasil desde o Período Colonial. Ora servindo como escopo em defesa da virtuosidade e pureza dos nativos da terra e da natureza virgem. Ora como justificativa de ações menos nobres, alimentando a busca do progresso e da modernidade a qualquer custo. Logo, mesmo que de maneira concisa, ao retomar já no primeiro capítulo esse complexo debate no amago da historiografia, André sublinha as coordenadas temporais e discursivas nas quais seu objeto de estudo está localizado. Pois, como bem recorda: “não é possível compreender certas representações da natureza sem as enredar na teia de significados mais ou menos amplos, complexos e mesmo contraditórios que transcendem um espaço e tempo circunscrito”.

No segundo capítulo, “Enquadramento e Instante: José Juliani e a Companhia de Terras Norte do Paraná nas décadas de 1930 e 1940”, a narrativa histórica e criativa do pesquisador nos transporta ao instante dos objetos analisados. Ao Brasil da primeira metade do século XX. Enquadra Juliani tanto em sua dimensão humana quanto profissional, apresentando-nos tanto o fotógrafo quanto “o homem por trás das lentes”. Desconstruindo a ilusão biográfica que, ao longo dos anos, conferiu ao profissional e ao conjunto de sua obra uma aura de certa genialidade, porquanto, crivada de exagero: como se Juliani não tivesse aprendido a fotografar, mas teria sido “fotógrafo ontologicamente falando”. Assim, ao passo que busca desmitificar “o mito genializado”, André apresenta-o como uma das maiores dificuldades encontradas na pesquisa. É a meu ver, felizmente superada. Ao tencionar – ou seja, distanciar quando preciso, e aproximar quando necessário – o produtor cultural do produto cultural, o historiador vê mais além. enxerga o que o senso comum regional não consegue ou quer visualizar ou superar. Que no instante em que Juliani assinou contrato

com a CTNP seu fotografar deixou de ser apenas uma visão particular do homem no Mundo. Mas, transformou-se num produto de uma empresa. Um produto que diz menos sobre o olhar do pioneiro – ou, do olhar do fotógrafo-pioneiro – e mais sobre o discurso propalado pela corporação que o contratou.

Em “Conceitos e Composições: representações de natureza nas fotografias de Juliani”, terceira parte da obra, os olhos do leitor são direcionados à análise das composições fotográficas. Divididas pelo autor em categorias, entre as quais, a de contemplação da natureza edênica e as de séries temáticas, como por exemplo, as ferroviárias, o capítulo desconstrói uma por uma as mais notórias composições assinadas pelo fotógrafo. Evidencia de maneira esquemática, porém, nada exaustiva, como cada uma das composições de Juliani sob contrato com a CTNP foram pensadas e tecnicamente construídas com a finalidade de atuarem como instrumentos publicitários da companhia, permitindo – segundo André – “ver a natureza como espelho que reflete narcisisticamente os intuitos humanos”. Ou seja, como natureza bruta registrada e transformada em natureza-linguagem produtiva. Atribuindo exaltação à paisagem passível por intermédio da técnica e do trabalho árduo de ser convertida em desenvolvimento civilizatório. Em alegoria capaz de encher olhos de homens cujos espíritos ambicionavam a conquista e os sucessos econômico e social numa terra repleta de oportunidades.

Ressaltando um domínio ímpar do autor sobre vocabulário, estruturas de composições e técnicas fotográficas, o capítulo não deixa margem para dúvida: estamos diante de um livro escrito por um historiador especial. Um historiador que não somente pesquisa e disserta sobre fontes e objetos fotográficos como domina a arte de produção técnica de fotografias em suas minúcias. Ele próprio, afinal, fotógrafo. Combinação incomumem nosso ofício. Uma vez que, a falta de

intimidade com os processos de confecção dos objetos e fontes culturais estudados, não raras vezes leva a maioria de nossos pares a tomá-los não muito além de seu respectivo arcabouço social. Não é o caso de André, que nos apresenta e desnuda cada fotografia criteriosamente selecionada de Juliani camada por camada. Tanto porque assim procede o bom historiador na análise documental e na produção da narrativa histórica quanto o bom fotógrafo na leitura do objeto ou cenário fotografados, ou ainda, em avaliações fotográficas. E, vai além. Por essa vereda conduz imperceptivelmente o leitor mais desatento ou de primeira viagem à verdadeira paragem da proposta metodológica panofskyana aplicada à fotografia. Em *O Paraíso entre Luzes e Sombras*, iconografia e iconologia deixam de ser meros apetrechos, quando não, enigmáticos termos decorativos em introduções ou capítulos metodológicos, adquirindo contornos reais, palpáveis, em cada fotografia exaustivamente burilada.

Outra característica pouco convencional da obra, porquanto, do capítulo, reside no fato de que, não satisfeito em encerrar na análise das fotografias de Juliani, Richard André buscou contextualizá-las tomando outras imagens a elas contemporâneas. Inclusive, fotografias sacadas por profissionais consagrados como Haruo Ohara e Guilherme Gaensley. Nelas, encontra distanciamentos, bem como aproximações entre esses fotógrafos e os registros por eles produzidos. Afinal, Juliani, Ohara e Gaensley, apesar de origens e trajetórias distintas, foram homens – mais que fotógrafos – abraçados por um mesmo contexto temporal. Esboçando pouco, ou até, quase nenhum desajuste cronológico entre suas passagens. Por sua vez, como produtores de imagens de registro utilizaram de equipamentos que apresentavam tecnologias similares e lançaram mão das mesmas técnicas. Aquelas até então conhecidas. Ao operacionalizar esse comparativo, colocando lado a lado imagens apresentando composições

aparentemente similares, perpassadas por conceitos técnicos e tecnologias equitativas, mas que produzidas por fotógrafos distintos, Richard André completa o *puzzle* com a peça final que faltava. E que somente o olhar treinado do historiador-fotógrafo (ou, vice-versa) poderia encaixá-la. As composições de Juliani, em detrimento daquelas produzidas por seus contemporâneos, para além de uma aparente visão de mundo peculiar abrigavam intencionalidade e escopo discursivo. Não estavam soltas. Não foram lançadas ao vento. Possuíam dimensão contextual e foram racionalizadas determinando de antemão o público-alvo.

No quarto e último capítulo, “Reverendo fotografias em sépia: apropriações das imagens de Juliani”, André fecha o livro com chave de ouro. Resgata de seu caminhar pelas ruas e pela história da cidade de Londrina – portanto, de sua própria história – outras imagens e monumentos que, durante os anos, apropriaram-se das fotografias já iconizadas de Juliani. Nesse intento, o historiador desvela modalidades de apropriações e edificações de memórias visuais. Como objeto principal de análise revolve a composição do afamado e monumental painel de azulejos que, hoje instalado no centro geográfico do campus da UEL, valeu-se das fotografias de Juliani para reconstruir numa espécie de “vista aérea” do momento fundacional da cidade. Assim, as composições de Juliani foram ao longo de décadas legitimadas como interpretação supostamente autêntica da história de Londrina. E mais, como instrumentos de consolidação e legitimação de projetos e discursos alheios à intencionalidade própria das fotografias. Após a decadência da CTNP na década de 1940, os artefatos imagéticos do arquivo da empresa foram resgatados e ressignificados a fim de endossar discursos identitários, ou então, conferir certo ar *retrô* às decorações de lojas e centros comerciais. Nos entres dessas

apropriações e ressignificações coabita o discurso do pioneiro propalado pelo que o autor denomina Movimento do Pé Vermelho.

O *Paraíso entre Luzes e Sombras* é um livro resultante de uma pesquisa muito lúcida e madura. Lúcida, pois com sucesso buscou desconstruir representações arraigadas na sociedade em que nasceu e cresceu o pesquisador. Utilizando-se, sobretudo, como fontes e objeto a matéria-prima dos imaginários sociais. Madura, pois, raramente, uma pesquisa resultante de mestrado chega a público acalentada por uma expressão tão marcante de maturidade em jovem pesquisador. Desde a estrutura da obra, do modo como os capítulos foram organizados e sequenciados, perpassando pela análise de cada uma das fotografias de Juliani, à narrativa que nos envolve à medida que tece e descortina a delicada teia da trama, o autor revela um talento ímpar. Um conhecimento profundo não somente dos objetos qualitativamente escolhidos a dedo, mas do contexto em que foram produzidos e de como foram pensados, construídos e propalados. E, mais além, de como e por onde ainda circulam e são apropriados. Este último item por si só, ainda que importante à pesquisa sobre imagens, frequentemente obliterado nos trabalhos de acadêmicos mais veteranos.

Não obstante, até mesmo quando parece adentrar caminhos pantanosos, ou becos de difícil saída, André demonstra maturidade e lucidez extraordinárias. É o caso, por exemplo, do primeiro capítulo. Em que permeia uma discussão difícil e ainda espinhosa na historiografia, não somente brasileira, mas latino-americana: a questão do paraíso terreal; do edenismo. Sobretudo, porque em pinceladas, abraçando a longa duração, ainda que consciente das limitações espaciais de escrita, buscou dar conta de uma temática sensível que não se esgota por aí. Contudo, até onde parece escorregar, encarcerar-se, foi feliz. Como abraçar analiticamente o homem e fotógrafo Juliani, bem como suas obras, sem mergulhar ainda que pela superfície nessa discussão?

Como aperceber e fazer inteligível ao leitor a teia técnica e tecnológica que por vezes distanciavam, e, por outras, aproximavam o saber-fazer fotográfico de Juliani, Gaensly e Ohara? Como tornar visível, evidente, as representações que em se apropriando de artefatos do passado edifica, acalenta e conduz discursos de nós não tão distantes no tempo-espaço? Ao percorrer esse caminho, o historiador confere à obra uma dimensão analítica mais ampla. Pois, ajustando o foco numa trama aparentemente regional enquadra o conjunto da obra num enredo histórico que não deixa de ser de interesse nacional.

Arrisco-me, por fim, a condensar sem demérito algum *O Paraíso entre Luzes e Sombras* numa única palavra: imprescindível. Tanto para aqueles que buscam se aventurar pelas veredas tortuosas, porém envolventes da pesquisa imagética – especialmente, a debruçada sobre fotografias – quanto para os leitores que almejam compreender mais sobre esse Brasil profundo. Que diz respeito menos ao Brasil geograficamente interiorizado e mais do território do interior, do âmago, da alma, do ser brasileiro. Um Brasil que através da apropriação e realocação de imagens, forjou para bem e também para mal identidades, colcha de retalhos de comunidades imaginadas. Em que o pioneiro para o paranaense está qual o bandeirante para os paulistas. *O Paraíso entre Luzes e Sombras*, de Richard Gonçalves André, é mais do que um escrito para compreender uma página importante e ainda vivificada da história do Paraná. Trata-se de um livro para compreender a História do Brasil.